

# ESCOLA E COMUNIDADE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Elias Silva  
Luzinete Santos Gomes  
Valdir Henrique Santana

## RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo analisar a relação entre escola e comunidade, apontando alguns fatores que influenciam de forma positiva ou negativa a construção de conceitos e atitudes. O trabalho identifica os benefícios que esta parceria proporciona para a educação quando há participação e apoio mútuo viabilizando resultados tanto na melhoria do ensino quanto na qualidade da relação entre os pais de alunos e a instituição de ensino. Para este estudo optamos pela leitura de livros e artigos de vários estudiosos da área educacional, que caracteriza a pesquisa como bibliográfica e qualitativa.

**Palavras-chave:** Escola. Comunidade. Participação.

## INTRODUÇÃO

É necessário que a comunidade e a escola se encarem responsabilmente como parceiras de caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra. Comunidade e escola precisam criar através da educação, uma força para superar as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva, atuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

É impossível colocar à parte escola, família e comunidade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e sociedade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos.

Essa preposição tem sido posta em prática nas escolas do município, vários exemplos podem ser citados, entre eles, a comemoração específica dessa época. A escola sabiamente busca aliar o útil ao agradável. Promove dentro do espaço escolar as festividades juninas, contribuindo para fomentar a participação dos pais e da comunidade nas gincanas propostas e, ao mesmo tempo, consegue recursos financeiros para agilizar pequenos projetos.

Conforme Silva (2003, p.151), outra questão importante é referente à participação da comunidade. A forma institucionalizada de participação da comunidade, através dos setores locais, assemelha-se às Associações de Pais e Mestres (APM's), não caracterizando, portanto, o comunitarismo. Por esse raciocínio, toda a escola que tivesse uma APM com funcionamento efetivo não seria uma escola pública ou particular com participação da comunidade (usuária), mas uma escola comunitária.

Em quase toda comunidade atualmente é possível encontrar uma escola, então é correto falarmos que a escola faz parte da comunidade como também os membros participantes da equipe desta instituição de ensino fazem parte da comunidade escolar, porém, há a necessidade de estimular os pais no tocante à participação mais efetiva na vida escolar de seus filhos enquanto componentes da

comunidade. Sabem-se da dificuldade de alguns genitores em participar ativamente, contudo, a criança tem seu início de aprendizado por meio da família e da própria comunidade a que pertence.

Quando os educadores são oriundos da própria comunidade e permanecem com mesmas características sociais de outrora, não se tornando opressores dos alunos, há a possibilidade de uma interação positiva entre a comunidade e a escola. O conhecimento da comunidade será válido e eficaz contribuindo para o crescimento necessário da população escolar. O educador comprometido transmite seus conhecimentos e assume um trabalho lado a lado com os alunos e a comunidade, contribuindo através desse seu ato para o desenvolvimento de habilidade dos educandos, os quais participam mais ativamente e desenvolvem melhor o seu cognitivo.

Preocupados com esta situação, apresentamos através deste artigo alguns fatores relevantes nesta relação entre escola e comunidade que causam distanciamento. É sábio manter um intercambio entre pais e toda equipe pedagógica o que vai proporcionar uma troca de experiência e buscar um melhor caminho a ser trilhado para a educação das crianças e jovens, numa sociedade onde tanto pais como educadores estão sempre sufocados nas suas tarefas diárias, o que dificulta o encontro entre ambos.

Apresentamos este nosso trabalho por intermédio de uma pesquisa qualitativa mostrando as dificuldades enfrentadas por comunidade e escola para que haja uma interação entre ambos. Descrevemos os benefícios dessa relação utilizando autores como Piletti, Silva, Libâneo, Szymanski, Oliveira e Richardson.

Optou-se por uma análise qualitativa porque, segundo Richardson (1999, p. 103), esta “permite fazer uma análise teórica dos fenômenos sociais baseada no cotidiano das pessoas e em uma aproximação crítica das categorias e formas como se configura essa experiência diária”.

## A COMUNIDADE NA ESCOLA

Conforme Piletti (2004, p.99), “muitas vezes os alunos residem num bairro, numa vila, num município, e não conhecem o local ou a região. As saídas da escola para estudo têm por principal objetivo levar os alunos a conhecerem e se familiarizarem com o lugar em que vivem”. Desta forma os alunos poderão aprender os conteúdos fazendo uma relação com os aspectos geográficos, políticos, culturais e econômicos da sua comunidade. É comum não ocorrer uma relação entre os assuntos passados em sala de aula e a realidade do meio social onde eles vivem.

Ainda de acordo com Piletti (2004, p.100), “da mesma forma que a escola, para realizar eficazmente seu trabalho, precisa estar na comunidade, esta não pode estar ausente da escola”. Pois, há necessidade de estarem sempre em parceria buscando assim usufruir o que a comunidade tem de melhor para beneficiar a instituição de ensino tais como, prestação de serviços voluntários auxiliando a equipe pedagógica com aulas de culinária, artesanato, informática, contação de história ou até na manutenção do espaço físico do prédio para que elas possam ver que é possível melhorar a qualidade do ensino.

Para Piletti, (2004, p, 95) A escola é uma das instituições sociais que tem um grande poder de transformação. É através dela que tanto o homem quanto a sociedade (comunidade) podem ser modificados por meio da interação entre eles. Mas para que isto aconteça é preciso que haja uma aproximação da escola com a comunidade e “o primeiro passo para a interação positiva entre escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade por parte da escola”.

Mas nem sempre os familiares dos educando tiveram livre acesso as unidades de ensino para participar de alguma forma no processo educacional dos seus filhos. Eles não eram visto com bons olhos pela equipe pedagógica e a “sua presença ali só se dava através de convocação por parte da direção para participarem de alguns eventos promovidos pela escola.

A presença da família na escola se dava apenas nas festas comemorativas, nos momentos solenes e marcantes da vida escolar ou em reuniões organizadas para ‘chamar a atenção’ dos pais para o rendimento escolar dos filhos. Qualquer presença da família e da comunidade fora dessas

chamadas era considerada uma inconveniência, uma presença incomoda. Esta distancia se manteve por muito tempo, pois acreditava-se ou queria fazer-se acreditar que o espaço escolar era espaço exclusivo daqueles que nele trabalhavam. Assim a comunidade era convidada a participar de alguns momentos para ver o que a escola estava produzindo de bom, de apreciável. Ou convidada para ser responsabilizada por aquilo que a escola determinava ser a causa de problemas e fracasso. Uma distancia fora criada e fortemente sedimentada. Um sentimento de presença indesejada impedia os pais de participarem do dia-a-dia da escola e da vida de seus filhos. (Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, p.1).

Hoje com as alterações nos cenários políticos e econômicos que ocorreram houve uma grande mudança de comportamento dentro da família e da sociedade que acabam refletindo também na relação escola e comunidade. Dentre estas mudanças podemos destacar a saída da mulher para o mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, a competitividade do mercado de trabalho, a falta de compromisso por parte dos educadores em promover atividades extra-classe, a demarcação de limites de participação da família dentro da escola por parte dos educadores e a falta de interesse pela coisa pública por parte da população. A classe social é um dos fatores que interfere diretamente na forma de relacionamento entre escola e comunidade.

As famílias de classe social mais elevada têm um poder de organização maior e isto faz com elas reivindiquem melhorias na qualidade do ensino de seus filhos. Juntos e com capacidade de argumentarem com a direção são capazes de solicitar e serem atendidos em suas reivindicações. Estas podem ser na parte física prédio como: quadra poliesportiva coberta, piscina, laboratório de informática, biblioteca, espaços amplo e arejado. Como também na parte de recursos humanos exigindo profissionais qualificados para trabalhar com as crianças. Além de cobrarem também bons resultados em concursos e vestibulares em instituições de grande prestígio educacional.

De acordo com Libâneo (2004, p.138), os pais da classe pobre não têm bem presente o senso de organização e por isto ficam em desvantagens em relação à classe mais alta e com isto os seus filhos não recebem uma educação com a mesma qualidade que a dos filhos das elites.

Devido à falta de organização, medo ou receio de dialogar junto à direção da escola não é só a qualidade do ensino que fica prejudicada. A relação entre as famílias e a comunidade que não interagem de forma adequada para melhoria do

bairro e do ensino desfavorece a solução de casos que beneficiam a todos. A autora Szymanski (2001, p. 64),

Refere-se ao comportamento das famílias das diferentes camadas sociais em relação a escola. Mesmo em escola pública, famílias de classe média desenvolvem estratégias de participação, tendo em vista a criação de condições para o sucesso escolar dos seus filhos, naquilo que Van Zanten (1988,p.195) chama de "saída individual". Nem sempre esses pais se engajam num projeto coletivo de melhorias do ensino e das relações da escola com a comunidade. Além do mais, nível de escolaridade e a facilidade de verbalização possibilitam a esses pais uma crítica que famílias das classes trabalhadoras não conseguem ou não ousam fazer (SZYMANSKI, 2001, p.64).

De acordo com Szymanski (2001, p.64) para as instituições de ensino é mais cômodo receber os filhos da classe média ou alta porque estes já chegam à escola com um determinado grau de instrução com relação à leitura e escrita. Já que seus pais têm um grau de escolaridade bem maior do que os da classe trabalhadora e isto os permite ensinar aos seus filhos mesmo antes deles começarem a frequentar a escola. Já as crianças de pais pobres que geralmente são analfabetos chegam à escola como um papel em branco sem saber de nada porque seus pais não têm condições de ensiná-los.

Outro fator que se nota é o tratamento dispensado aos professores pelas diferentes classes. Segundo Oliveira (2002, p176), para as famílias de baixa renda os educadores são como uma autoridade e a eles são delegados os cuidados com a educação em alguns casos podendo até fazer às vezes de mãe com autorização dos pais. Já os pais das classes altas vêem os educadores como um concorrente direto na educação dos seus filhos, e isto em alguns casos gera conflitos.

Estes fatores contribuem de forma direta nesta relação entre escola e comunidade. Na maioria das reuniões de pais de alunos que são organizadas pela instituição de ensino, o número de mães (mulheres) geralmente é superior ao de pais (homens) esta situação se agrava quando a matriarca tem de sair de casa para trabalhar e garantir o sustento da família ou complementar a renda, muitas vezes ela não é dispensada do ponto para comparecer às reuniões ou eventos na escola e quando não a sua dupla jornada de trabalhadora e dona de casa que a sobrecarrega

de tarefas o que faz com que ela não dedique tempo suficiente para participar de forma mais ativa na vida escolar do seu filho.

A situação dos educadores não é muito distinta das mães dos alunos já que estes têm que enfrentar uma carga horária de 200hs, com salas superlotadas e devido a baixa remuneração tem que trabalhar em mais de uma escola e não dedique tempo para pensar em realizar atividades extra-classe envolvendo a comunidade e fique só no básico da educação na rotina do dia-a-dia. A população em sua maioria não demonstra muito interesse pela coisa pública e não reivindica sua participação em busca melhorias e qualidade nos serviços prestados pelo estado e município desta forma se a escola mantém a frequência dos professores e distribui a merenda para os alunos a comunidade pensa que isto já é o suficiente.

Como o conceito de gestão participativa está sendo disseminado dentro do sistema educativo faz-se necessário a união ou parceria entre escola e comunidade para que haja a efetivação de forma real deste conceito. Ou seja, para que ele saia da teoria e passe para prática é preciso que aconteçam atividades práticas de ações conjuntas entre ambos para uma aproximação positiva.

Conforme Libâneo (2004, p.101), “gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos”. Porém, nem toda gestão pode ser democrática e participativa. Num regime ditatorial é quase que impossível se falar ou aplicar este modelo de gestão, para este a do tipo técnico-científico, que segundo o autor “a direção é centralizada numa pessoa, as decisões vêm de cima para baixo, bastando cumprir um plano previamente elaborado, sem a participação de professores, especialistas e usuários da escola.” (2004, p.101)

A gestão para ser democrática e participativa tem que haver a participação de todos os envolvidos no processo educacional do contrário ela não poder ser intitulada desta forma. Libâneo (2004, p.102), afirma que a participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de professores e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar.

ESCOLA COMUNITÁRIA é organizada pela própria comunidade, portanto, é a escola de todos; a comunidade é a principal responsável pela sua manutenção; gestão democrática, configurando efetiva participação do

povo; não visa a lucros, não distribui dividendos nem remunera seus dirigentes, e todos os excedentes financeiros são aplicados nos próprios objetivos; atuação pedagógica voltada para a educação integrada ao desenvolvimento comunitário (SILVA, 2003, p.149).

Para que esta aproximação aconteça a escola é quem tem de tomar a iniciativa de promover meios para atrair a comunidade para dentro da instituição. Conforme Piletti (2004, p.95) “o primeiro passo para uma interação positiva entre escola e comunidade é sem duvida o conhecimento da própria comunidade por parte escola”. Isto vai fazer com que ela possa elaborar um plano ou projeto político-pedagógico que contemple as reais necessidades do bairro em que ela esta inserida.

Mas o fato da escola ter pleno conhecimento da comunidade através de dados estatísticos não é o suficiente para que haja uma interação entre elas. É preciso operacionalizá-los por meio de ações concretas “e isto só é possível através de atividades práticas que dêem feição real a interação escola-comunidade” (PILETTI, 2004, p.97). Dentre as atividades que podem ser realizadas o lazer é uma delas e por meio dele os alunos terão a oportunidade de conhecer melhor os locais públicos da sua localidade como: praças, clubes, ginásios esportivos, comercio, indústria, cinema, rios, praias, montanhas. Além da diversão os alunos poderão aprender de forma contextualizada alguns assuntos transmitidos pelos professores das varias disciplinas como matemática, geografia, língua portuguesa e outras. Assim os alunos irão conhecer melhor o meio em que vivem já que “muitas vezes os alunos residem num bairro, numa vila, num município e não conhecem o local ou região” (PILETTI, 2004, p.99), dentro destas saídas para o lazer os familiares de alunos podem participar como monitores ajudando a manter o grupo que saiu para excursão juntos, distribuir os lanches, ou ate para servir de guia.

A visita às famílias dos estudantes também deve ser feita pelos profissionais da educação em especial pelo professor que é quem está mais tempo com os alunos e este contato é imprescindível para que ele possa fazer um diagnostico da situação das relações familiares e poder intervir em alguns casos como o mediador de conflitos. Podendo encaminhar para os especialistas da escola ou de uma unidade de saúde as crianças que necessitam de algum tipo de atendimento.



“A comunidade pode enfrentar problemas que podem ser solucionados com a participação dos seus membros num mutirão” (PILETTI, 2004, p.99). A instituição (escola) pode mobilizar toda a comunidade em forma de mutirão para solucionar algum tipo de problema que esteja ocorrendo na comunidade e que pode ser resolvidos com serviços práticos como; um mutirão de limpeza para recolher objetos que estão servindo de criadouro para o mosquito da dengue que já fizeram várias vitima no bairro; mobilizar as crianças para que elas conscientizem seus pais de que é preciso fazer a separação e armazenamento adequado do lixo para facilitar a reciclagem e diminuir a quantidade de lixo nas ruas e lixões e diminuir o numero de insetos e ratos no bairro; na arrecadação de alimentos, material de limpeza e higiene pessoal para doar a pessoas que estão necessitando de ajuda no bairro, a uma instituição que cuide de crianças ou idosos que estejam passando por dificuldades para se manterem abertas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A relação escola e comunidade é um fato social que deve ser tratado com mais seriedade pelos profissionais em educação e pelos pais, principalmente nos dias atuais em que a sociedade e a família vêm sofrendo muito com a falta de políticas públicas que promovam o bem estar de ambas. A escola é uma das instituições que tem um grande poder de transformação da sociedade, através da educação, a família tem suas crianças e jovens que são formados por ela. Desta forma a instituição de ensino e a comunidade devem buscar parcerias em prol de uma qualidade melhor na educação para seus filhos, como também infra-estrutura que garanta uma vida saudável e digna para todos.

Nos dias atuais é quase impossível pensar em escolas que fiquem isoladas dentro do bairro, entretanto é sabido que em muitos casos a forma de gestão de algumas escolas inviabilizam aplicação do modelo de gestão democrática,

o que dificulta o bom andamento da parceria que poderia ser firmada em benefício do meio social.

Quando escola e comunidade trabalham juntos os resultados positivos são bem visíveis tanto na qualidade do ensino quanto na forma de relacionamento entre as pessoas que compõe estas duas instituições. Isto faz com que a participação da escola na comunidade e desta na escola, seja um fator relevante dentro do processo educacional.

## REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: Teoria e Prática. 5ªed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos: São Paulo: Cortez, 2002.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 2004.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação comunitária**: além do estado e do mercado? A experiência da campanha nacional de escolas da comunidade – CNEC (1985-1998). 3. Ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectiva. Brasília: Editora Plano, 2001.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. **II Congresso Político-Pedagógico da Rede Municipal de Ensino/Escola Plural**. Disponível em: <http://www.google.com.br.A+comunidade+e+escola>.